

MODELOS DE CIVILIDADE NA EUROPA DE SETECENTOS: PRÁTICAS RECEPTIVAS EM PORTUGAL

Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara

(Universidade Aberta)

(...)A sociedade que faz a vida muito agradável, requer que nos sujeitemos a algumas considerações para podermos gozar das suas delícias e atractivos. O ponto essencial nesta pequena obra é individualizar e explicar estes preceitos à mocidade com huma suficiente clareza, para que ela possa tirar daqui as primeiras luzes daquela civilidade, que nos faz amáveis, que infunde a benevolência no nosso affecto, e que enobrece a nossa alma(...)

In Abade PRÉVOT — *Arte de Agradar na Conversação*. (trad. do francês por José Vicente Rodrigues), Porto, 1783, pp. 10.

Esta texto insere-se no conjunto de comunicações que se desenvolveram no âmbito de uma temática mais abrangente sobre “A construção da Europa”, ou melhor neste caso, “Construção de identidades Europeias” tema-mote em discussão ao longo do ano de 2000/2001 no Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade Aberta.

Depois de reflectir um pouco sobre este assunto e partindo da investigação que realizei para a tese de doutoramento¹ que se prende especificamente

com formas de vivência e de sociabilidade da sociedade portuguesa setecentista, ocorreu-me apresentar e partilhar aqui algumas questões que se relacionam com a noção e conceito de civilidade, constituindo este uma identidade e um referente cultural nascido e vivido na Europa Moderna e conotá-lo com um discurso do quotidiano e da vida privada de então, intimamente ligado a uma “arte de bem viver” e preconizado numa estética rococó.

Surgem então de imediato as primeiras questões?: Tratar-se-á de um assunto pontual e periférico ao tema da construção da Europa? e mais, que terá ele haver no contexto de uma investigação em História de Arte?, mais concretamente com um suporte plástico específico como o azulejo?

Penso que nos encontramos em territórios tangentes que paulatinamente vão sendo cruzados em apelos de uma *interdisciplinaridade*², procurando no fundo compreender as práticas que constroem o mundo como “representação” e com base nestas pressupostos ligar os aspectos formais e estéticos de um determinado período com as sensibilidades e mundividência da própria época.

Pareceu-nos pois interessante cruzar duas visões: diferentes formas de sociabilidade e urbanidade que caracterizaram um modelo europeu de sociedade dos meados do século XVIII com a sua representação na azulejaria portuguesa.

Considerando uma relativa abundância de temas do quotidiano registados na azulejaria portuguesa ao longo do século XVIII, — que formam um *corpus* de princípios tributários do contacto com a cultura europeia, ao mesmo tempo que constituem um gosto e uma especificidade na História de Arte Portuguesa — julgamos legítimo considerá-la na sua totalidade para outros fins que não os da mera decoração arquitectónica.

Deste modo, um enquadramento teórico sobre os modelos mentais e práticas sociais da época e uma reflexão sobre os comportamentos sociais

¹ Cf. CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da, “A Arte de Bem Viver” – *A Encenação do Quotidiano na Azulejaria Portuguesa da Segunda metade de Setecentos*, Universidade Aberta, texto policopiado, Lisboa 2000.

² Este paradigma da interdisciplinaridade tem vindo a ser trabalhado desde os anos 50/60. Recorde-se os estudos de J. Revel — *A Invenção da Sociedade*. Lisboa: Difel, 1990. Cada vez mais esta é a palavra de ordem de uma nova geração de historiadores, tributários da clássica *Escola dos Annales*.

e galantes setecentistas — registados num conjunto de textos normalmente designado por “literatura de civilidade”³, poderão ajudar a esclarecer melhor as razões sistemáticas da utilização do azulejo na arquitectura civil.

Torna-se deste modo e neste contexto oportuno caracterizar um sistema de comportamentos sociáveis, detalhar condutas, em suma avaliar práticas particulares de civilidade tendendo a configurar-se uma antropologia do homem civil do século XVIII (protótipos de ideal de homem: modos de agir, de estar, convicções, modelo ideal de comportamento rotulado e cristalizado no *honnête-homme*⁴ — Esta expressão que corresponde a um tipo europeu que na sociedade francesa e na tratadística toma esta designação, não foi uma invenção do final do século XVIII, da época das Luzes, mas sim um acumular de princípios e regras legítimas, uma colecção de exemplos do *saber-estar*, ou seja um processo de trabalho da sociedade sobre si própria, em suma; formas estruturalmente reconhecidas de mostrar uma identidade social.

Quais então os modelos de uma teorização sobre condutas comportamentais na Europa Moderna?

Dois enormes sucessos editoriais surgiram e marcaram o século XVI e todo o Renascimento Europeu destinadas à codificação de um discurso normativo do comportamento que se transformarão em dois grandes modelos de vivência do homem em sociedade: refiro-me a obra de Baltassar Castiglione, *Il libro del cortegiano* (1 vez publicada em 1528 — Veneza⁵), e a obra de Erasmo, *De civilitate morum puerilium* (a sociedade pueril, em 1530 — Basileia) (Fig. 1 e 2).

³ O estudo da civilidade na época moderna, e particularmente a filiação deste conceito encontra como sabemos, inevitavelmente, terreno nos variados campos da literatura. Moralistas e críticos aplicam-no sem limites. Trata-se de um terreno omnipresente. Cf. Emmanuel BURY — “A la recherche d’une synthèse française de la civilité: l’honnête et ses sources” in *Pour une histoire des traits de savoir-vivre en Europe*. Paris, 1995, pp. 179-215.

⁴ Citem-se dois textos fundamentais sobre o este assunto: J.G. Herculano CARVALHO — “Um tipo literário e humano do Barroco: o cortesão discreto” in *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1964, vol. XXVI, pp. 208-227 e Maria de Lurdes C. Fernandes — “ Modelos educativos do Barroco em Portugal: a *Boa Criação* e a *Polícia Cristã*” in *I Congresso Internacional do Barroco: Actas*, Porto, 1991, vol. I, pp. 312-322.

⁵ Até 1997, a obra original não era conhecida em português, somente divulgada através de uma tradução em castelhano de Búscan 1534. Cf. Baldassare CASTIGLIONE — *O cortesão*, São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Dois modelos em parte opostos, mas que convergem no mesmo fim: codificar valores civis e ritualizar actos sociais. Em parte com destinatários distintos, estas duas obras marcarão toda a tratadística de condutas ao longo do período moderno, mais particularmente o século XVIII.

A primeira — o texto de Castiglione — apresenta fundamentalmente um paradigma da etiqueta cortesã, convertendo-se numa gramática fundamental de cortesia para uso da sociedade de corte. O livro centra-se num diálogo privado entre personagens aristocráticas que pertencem à corte de Urbino e se ocupam agradavelmente dos valores e regras da vida social. Trata-se no fundo de um retrato e de um protótipo de uma corte ideal renascentista de que a figura central e modelar era o cortesão. O livro descreve os serões passados no palácio em Urbino, encontros de homens e mulheres de elevada condição social onde se cultivam jogos de linguagem, residindo um deles na decisão relativa sobre as qualidades do perfeito cortesão (“discreto”). No seu conjunto, esta obra estabelece uma série de condições mentais e físicas do estatuto do homem de corte.

Trata-se de um dos livros mais importantes sobre literatura de corte do Renascimento que quase durante dois séculos propôs o modelo de uma elite cultural europeia. A dedicatória oferecia o livro ao português D. Miguel da Silva, bispo de Viseu, que havia sido embaixador em Roma, onde a sua postura deixara uma memória de refinamento e comportamento nobre. Refiro igualmente ao capítulo da arte, onde esta obra toma uma posição renovadora do papel do artista na corte e da posição da pintura no contexto do conhecimento.

A segunda obra, o livro de Erasmo apresenta-se como um texto fundador sobre a noção de civilidade. Os destinatários desta obra serão as crianças e que estas se tornem sensíveis à necessidade de um código geral de sociabilidade e “boa educação”. O conjunto dos comportamentos quoti-dianos da criança permitirão um maior controlo do uso do seu tempo. Tratando-se de um manual sem pretensões, à margem dos grandes empreendimentos do humanismo europeu, a obra propõem práticas renovadas (numa sociedade em plena mutação que necessitava obviamente de uma linguagem comum e de novos pontos de referência). Fez entrar um conjunto de tradições orais na cultura escrita. Elevou a civilidade a um verdadeiro género literário que conheceu enorme sucesso editorial.

O impacto e a celebridade destas duas obras (uma mais curial), a outra mais civilista, e o desenvolvimento das cortes europeias fez surgir um tipo de cortesão europeu, um homem de corte e ao mesmo tempo um cidadão com deveres que a literatura de seiscentos acompanhou⁶.

Podemos pois afirmar que no rasto destas duas obras, na Europa os exemplos multiplicam-se, surgindo cada vez réplicas sobre comportamentos e maneiras de estar em sociedade que seguem o modelo proposto por Erasmo. A sua influência foi vasta e douradora.

Quanto ao modelo curial, deu origem ao tão conhecido conceito de Norbert Elias “Sociedade de Corte” sempre entendida na sua dupla acepção: 1) em primeiro lugar a expressão refere-se a uma sociedade dotada de corte (real ou principesca) e totalmente organizada a partir dela. 2) Numa outra dimensão, entende-se a corte como sendo a sociedade, isto é como uma formação social onde são definidas de maneira específica as relações existentes entre os sujeitos sociais e onde as relações recíprocas que ligam os indivíduos uns aos outros engrenam códigos de comportamento originais. Isto significa que a corte organiza o conjunto das relações sociais através do estabelecimento de uma rede de dependência recíproca. É dentro deste última interpretação que teremos sempre que entender e decrever a lógica da corte, ou melhor, a lógica de prestígio.

Ao longo do século XVIII — sendo este o período que trabalhamos — o conceito de civilidade apresenta-se deste modo cristalizado, permitido falar de determinados padrões ou comportamentos-tipo. Os homens

⁶Veja-se o caso italiano Giovanni DELLA CASA — *Galateo ovvero de costumi. In rime e prose di Monsignor Giovanni Della Casa*. Venezia: Niccolo Bevilacqua, [S.l.], 1558; e o espanhol Baltasar GRACIAN — *Arte de ingenio y tratado de agudeza*. Madrid, [S.l.], 1642; idem — *El discreto*. [S.l.], 1646 (trad. italiana: *L’Huomo di corte, o sia L’arte di prudenza*, Roma: Luca Antonio Chracas, 1698); o caso inglês, HOBY, Sir Thomas — *Courtyer*. [S.l.], 1561; o caso francês, Pierre de DAMPMARTIN — *Du Bonheur de la cour et vraye félicité de l’homme*. Anvers, F. de Nus, 1592 e Antoine de COURTIN — *Nouveau traité de la civilité qui se pratique en France parmi les honnetes gens*. Paris, 1671; e ainda o espanhol Lucas Gracian DANTISCO — *El galateo Espanõl*. Zaragoza: Terragona, 1593 (uma glosa e adaptação da obra de Della Casa); e o português, Francisco Rodrigues LOBO — *Corte na aldeia e noites de Inverno*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1619 (esta obra, a lembrar o livro de Castiglione, descreve uma série de serões em Sintra onde se juntavam diversos cavalheiros. No conjunto da obra, o tema principal é o da cortesia. Tratava-se de, expondo ideias e dialogando, estabelecer regras de comportamento) e Luís de Abreu e ABREU — *Avisos para o Paço*. Lisboa: Of. Craesbeckiana, 1659.

procuraram estabelecer matrizes comportamentais alcançando diferentes dimensões da sua vida quotidiana. O sentido do progresso e bem-estar aponta mesmo para a intenção de alcançar a totalidade das dimensões da vida quotidiana. Depressa as maneiras corteses — ligadas quase sempre à lógica da distinção — transitam para os costumes civilizados fixados com rigor na tratadística de civilidade.

A codificação de saberes práticos essenciais à vida humana nas suas formas mais elaboradas implicaram uma certa receptividade, uma capacidade de linguagem e de compreensão por parte do indivíduo que passa sobretudo por um processo de aprendizagem. Nesta campo, o papel dos textos foi fundamental. A extraordinária riqueza da literatura de civilidade foi fortemente valorizada pelo seu carácter fundador da cultura ocidental europeia. Todos estes escritos definem ideais de comportamento e regras de interação social constituindo uma parte importante da consciência europeia e da sua história.

O estudo da literatura comportamental — também como sabemos designados por tratados de *savoir-vivre*, ou do “bem-viver” relembremos por oposição o “bem morrer” *ars morendi* — e as diferentes tipologias de tratados definidos de acordo com os seus destinatários e com a sua própria mensagem) apresenta-se hoje na historiografia europeia como uma fonte alargada para o entendimento da história socio-cultural, pois formam uma parte importante da produção literária europeia como por exemplo o caso específico de França onde equipas de investigação pluridisciplinares têm estado a trabalhar em repertórios bibliográficos de literatura de civilidade, tendo editado trabalhos desde 1995⁷. Proporcionam estudos comparados, permitindo seguir os modelos das interações sociais, as práticas prescritas no que respeita aos rituais de luto, à conversação, às diferentes maneiras de estar; ao gosto social, aos próprios gestos e expressões corporais e faciais, aos espaços de sociabilidade etc.

A questão que desde logo nos interessou para o caso português foi para além das motivações que se encontram por detras deste textos, identificar os

⁷ Equipas de investigação pluridisciplinares têm-se debruçado sobre esta área, especificamente em França sob a direcção de Alain Montadon. Cf. *Bibliographie des Traités de savoir-vivre en France en Europe*, Clermont-Ferrand: APFLSH, 1995; *Pour une histoire des traités de savoir-vivre en Europe*, Clermont-Ferrand: APFLSH, 1995.

destinatários destas obras, inventariar as relações e aplicações com comportamentos do quotidiano e por fim que implicações houve ao nível do discurso iconográfico sustentado pela pintura azulejar.

Compulsando os títulos e índices destas obras no espaço geográfico português de setecentos, (e esse trabalho não está sistematicamente feito, pois era fundamental cruzar e confrontar com todo o tipo de documentação como a literatura da mundaneidade, expressa em crónicas, folhetos, volantes, teatro de cordel, obras satíricas etc, só assim podendo saber até que ponto esta discursividade normativa não podia estar desfazada relativamente às práticas e usos da sociedade portuguesa), foram basicamente os modelos franceses que se impuseram e que mereceram mais traduções e adaptações.

Fundamentalmente estas obras encontraram receptividade primeiramente num terreno de uma sociedade aristocrática passando numa segunda fase a alargar esse território a nova elite emergente, pois a aprendizagem nos manuais de códigos do saber viver, surge simultaneamente como contributo de prestígio para uma hierarquia social e como veículo do imaginário mundano captado pelas classes em rápida ascensão.

Dos manuais que consultamos na nossa pesquisa, elencámos várias questões: na maioria dos casos eram livros de bolso, de pequeno formato, fáceis de guardar e transporar. Quase sempre no seu prólogo, dirigiam-se ao leitor mantendo uma relação personalizada expressa em diferentes dedicatórias (Fig. 3)

É igualmente curioso que prevalece em grande parte dos manuais de civilidade com maior atenção o modelo da conversação (guias de conversação) mais do que a leitura. A oralidade, a discussão de temas nas reuniões e assembleias indicam esta intenção. Dos textos seleccionados levantámos as seguintes rubricas: *a arte de agradar na conversação, da conversação...da civilidade que devemos usar na conversação, do modo como a decência nos manda proceder quando falamos e comemos em companhia, do conversar e discorrer, etc., etc.*

Sabemos que foi estreita a relação que os manuais de civilidade mantiveram com as artes do “bem viver” (no sentido alargado das artes decorativas). O sentido dado à vida era cada vez mais – sem excepção do que se passava em Portugal — entendido sob o signo da encenação, traduzido em

modelos e idealizações de diferentes quotidianos, numa exibição puramente hedonista. No interior do palácio, da casa nobre, da Quinta de recreio, a vida quotidiana podia ser partilhada por este ideal de espectáculo reflectindo-se na própria encenação dos comportamentos e nas variadas manifestações que animavam o lazer de determinados grupos sociais.

As práticas do quotidiano foram essencialmente entendidas como ensinamento codificado em modelos e regras.

Quais então as relações entre a caracterização de modelos sociais apresentados no discurso da tratadística de “bem viver” com o registo de temas afins na iconografia azulejar? Que relações directas ou indirectas se podem então estabelecer entre o discurso literal do comportamento e o tipo de representação plástica (a pintura azulejar)?

Poderá ser este tipo de suporte plástico a tradução visual de posturas comportamentais? Tal aproximação não nos parece descabida deste contexto, pois é possível em muitas situações associar a este tipo de documentação, momentos visuais particularizados e precisos registados no azulejo de Setecentos.

No vasto elenco de textos que consultámos, foi possível categorizar diferentes situações tipo:

A primeira centra-se especificamente em redor do universo da CASA como espaço social e de representação; (pois um dos pontos de aplicação de civildade são por excelência os espaços físicos onde se realizava o ritual social.) A CASA era o lugar onde se consumia o tempo de ócio e se enuncia uma série de modelos na sua dimensão exteriores envolvidos em condutas sobre os outros.

A visita — é uma das situações que nos aparece com frequência. É quase sempre mencionada como uma situação de quotidiano envolvendo componentes de etiqueta cortesia e de espectacularidade (*Modo de Fazer Visitas e Modo de Tomar Visitas*), até mesmo indicações precisas sobre o próprio espaço de recepção. João Rosado de Vasconcellos⁸ redige no seu

⁸ João Rosado de Villalobos de Vasconcellos (1786), bacharel pela Universidade de Coimbra, foi professor de retórica e poética em Évora. Publica e traduz um conjunto de obras sobre a educação da mocidade. Cf. - “*O Perfeito pedagogo na arte de educar a mocidade em que se dão as Regras da Policia e Urbanidade Christã, conforme os usos e costumes de Portugal*”, Lisboa, 1782, pp. 125.

tratado a forma como se deve receber as pessoas de qualidade: “*todos devem acompanhar até ao topo da escada e esperarem aí até darem as costas no fim da mesma...se acompanhará a visita até fora da porta, mandando sempre que o escudeiro acompanhe a visita até sair para a rua.*”

Torna-se óbvio que esta questão se relacione com a decoração da própria habitação, onde se revela a distinção e o *status* do proprietário da casa e onde a azulejaria barroca conheceu uma função social muito bem demarcada: as conhecidas figuras de convite — nas diferentes atitudes de receber o visitante — foram talvez a tradução visual mais fiel de um discurso de entrada e de aparato. Revestindo uma zona social da casa: escadas, varandas, terraços, átrios e portas de acesso, acompanharam a separação entre o quotidiano e o mundano.

As saídas e os passeios são outra das situações que nos aparece. O lazer é entendido como valor social. Enunciam-se algumas regras de descontração que passo a citar: (...) *Não quero dizer que seja o cerimonial tão rigoroso como no Passo. Nos passeios compreendemos o campo, as quintas e os jardins dos particulares em que por grandeza se permite a entrada franca. Alli vamos buscar o divertimento, o regozijo e o prazer da sociedade, Por isso deve reluzir em nós a civilidade que for possível (...)*⁹

Também aqui a azulejaria evidenciou vivências e temas que enunciam estas questões. Bons conjuntos azulejares e ciclos temáticos aparecem-nos ao longo do século XVIII representando atmosferas ao ar livre: a merenda, o passeio, integrados em conjuntos civis da época. Muitos painéis desenrolam cenas figurativas conjugando aspectos da vida cortesã com uma narrativa baseada em rotinas de convivialidade entre os universos masculino e feminino.

A *Mesa* — inserida numa verdadeira arte social, de estar, a mesa tornou-se um capítulo exclusivo dos manuais de civilidade. (Sabemos que no século XVIII, foi sem sombra de dúvida a corte francesa que forneceu o modelo de etiqueta de mesa nos seus aspectos de encenação do poder e do prazer dos sentidos). Em redor de questões como: *Do que se deve observar quando estamos à meza,*¹⁰ exigia-se o conhecimentos dos preceitos de estar à mesa, assim como servir à mesa. Estabelecia-se um jogo de relações entre

⁹ Cf. *Ibem, ibidem*, pp. 78.

os convivas, os alimentos e o respectivo uso dos utensílios, e nalguns casos a forma de trincar as diferentes peças de assados que juntamente com os manuais de cozinha compunham um cenário sobre a civilidade da mesa.

A encenação deste quotidiano doméstico foi trabalho pela iconografia azulejar de forma mais ou menos ingénua. Foi comum representar uma refeição entre fidalgos sentados em redor de uma mesa onde regras como a postura do corpo, a maneira de trajar numa refeição de cerimónia, obrigações do dono da casa em destinar os lugares dos convidados, a serventia da mesa pelos criados, uso de talheres etc. não deveriam ser esquecidos.

O jogo apresenta-se no discurso normativo como um problema inquietante, enquanto vício, até ao século XVIII muitas vezes tolerado à elite. Mas para além das críticas que certos jogos e divertimentos recebiam, utilizado sem excessos, este encontrava-se como prática social distintiva, pois muito são os textos (tratados sobre o jogo) que se empenhavam na justificação da sua prática valorizada como exercício mental estimulante, aconselhando-se os jogos que exigiam uma aprendizagem. Ao jogo era reservado na casa um determinado espaço físico e área social.

O jogo foi um tema necessário e dominante que interessou muitos pintores de azulejo, correspondendo a um tipo de encomenda muito particular. Especificamente esta casa apresenta uma vasta colecção de registos sobre os jogos: gamão, damas, xadrez e bilhar.

A *dança* aparece nos manuais como uma técnica corporal, impondo-se como um acto igualmente social que satisfaz as normas do grupo social. A tratadística aborda questões acerca da utilidade social da dança e o seu alargamento a todos os actos do andar, saudar e outras cortesias, funcionando como códigos sobre o movimento e verdadeiros laboratórios da “maneiras”. É especificamente a partir de meados do século XVIII que são traduzidos e publicados em Portugal dois principais tratados: *Arte de Dançar à francesa que ensina o modo de fazer todos os diferentes passos de minuete, com todas as suas regras, e a cada hum delles o modo de conduzir os braços: obra muito conveniente, não só a mocidade, principalmente civil que quer aprender a bem dançar, mas a quem ensina as regras para bem andar, saudar e fazer*

¹⁰ Cf. João de Nossa Senhora da Porta SIQUEIRA — *Escola de Polícia ou tratado prático de civilidade portuguesa*, Lisboa 1791, Cap. VII.

cortezias que convém a qualquer classe de pessoas: traduzida do idioma francez em Portuguez por Joseph Thomas Cabreira, Lisboa, Officina Patr. Franc. L. Ameno, 1760 e — Tratado dos principaes fundamentos da Dança Obra muito util, não somente para esta mocidade, que quer aprender a dançar bem, mas inda para fazer as pessoas honestas, e polidas, as quaes ensina as regras para bem andar, saudar e fazer todas as cortezias que coonvem em as assembleias adonde o uzo do mundo a todas chama. Offerecido a toda a nobreza Portuguesa por Natal Jacome Bonem, mestre de dança, Coimbra, Officina dos irmãos Ginhoens, 1767.

A leitura destas obras testemunha o culminar de um processo de síntese entre os gestos tratadisticamente estabelecidos e a sua prática e execução.

A dança apresenta-se como um excelente tema visual que o azulejo barroco apropriou¹¹. Elemento fundamental do cortejar materializou-se assim com o modo de viver o corpo socialmente e como instrumento de representação da sociedade (Fig. 4).

Para finalizar, mas provavelmente não concluir e retomando questões levantadas ao longo deste brevíssimo texto, evidenciámos que a relação entre a pluralidade de representações e ocorrências de práticas relacionadas com o quotidiano civilizado e os seus modelos interpretativos se glosam na azulejaria da época, podendo ser um instrumento conceptual da maior importância na leitura de certas soluções ao nível dos revestimentos azulejares na arquitectura civil portuguesa de Setecentos.

Neste jogo de significados e significações (pois devemos sempre à partida colocar um problema da interpretação do modelo e da sua representação até que ponto identificamos nestes painéis a representação da realidade portuguesa), o modelo europeu da sociedade setecentista e da sua construção enquanto esse mesmo modelo, pode ser detalhadamente visualizado quase catalogado, constituindo um sistema de valores unidos como imagens de uma “civilização”.

Em suma, entendendo o azulejo enquanto discurso visual e tomando em consideração o seu universo pictural, encontramos-nos perante inevitáveis

¹¹ Cf. Daniel TÉRCIO — *Dança e Azulejaria no Teatro do Mundo*, Lisboa: Edições Inapa, 1999.

testemunhos históricos de uma vivência europeia, de uma identidade comportamental de um grupo ou categoria social europeia. O poder da imagem, o sentido visual reconhecido na mentalidade setecentista, encontraram na azulejaria um instrumento adequado na medida em que esta proporcionava e facilitava a apropriação da imagem por parte de destinatários específicos. Deste modo, os modelos europeus das práticas do “bem viver” cristalizaram-se em Portugal também por meio da arquitetura. Os revestimentos de azulejos setecentistas em espaços civis tornaram onnipresentes as novas formas de interação e convivialidade.

Podemos admitir sem esforço que os painéis de azulejos que apresentam o quotidiano nas suas múltiplas vertentes, participavam, tal como a tratadística sobre civilidade e etiqueta, em estratégias de ensinamento sobre padrões comportamentais.

A presença deste tipo de imagens na azulejaria de revestimento de palácios, casas-nobres e muitos edifícios civis, funcionava como modelos didáticos e pedagógicos de civilidade, numa arte sempre controlada da representação de si pelo outros, ou seja reconhecendo-se uma forma estruturalmente regulada de mostrar a identidade que se desejava ser reconhecida.

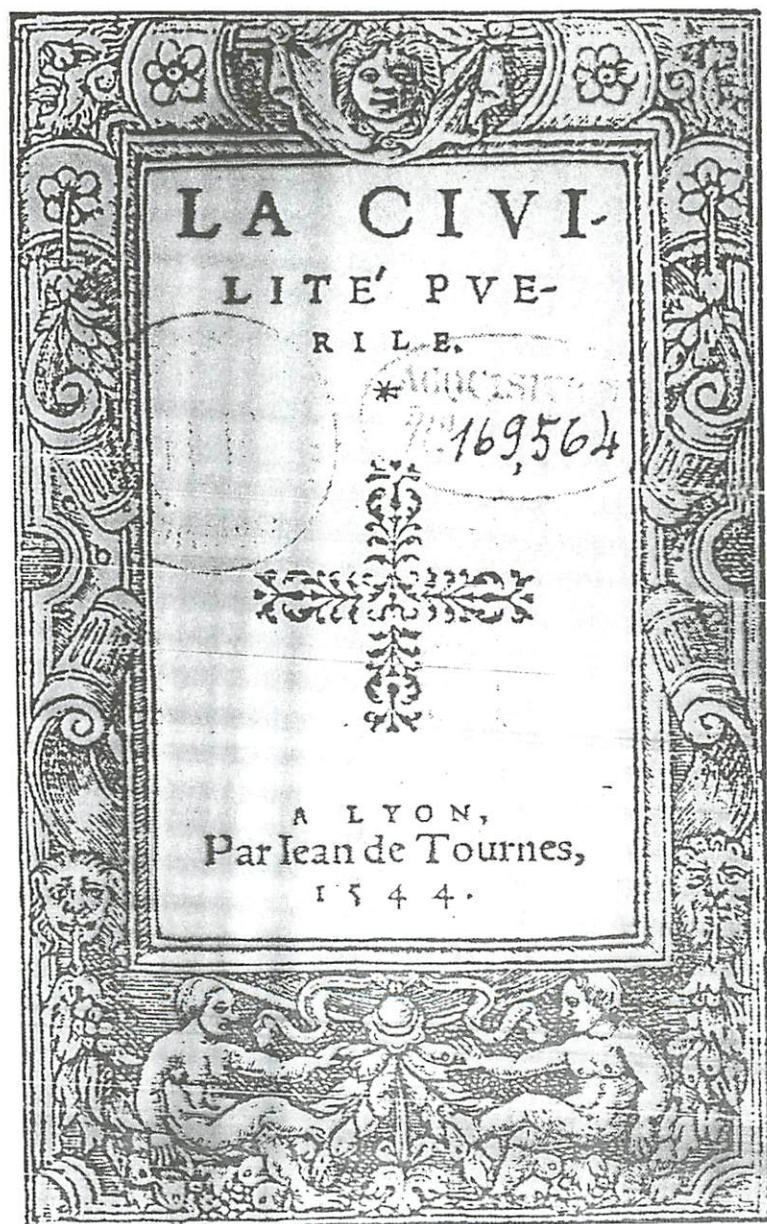


Fig. 1 — Frontispício da obra de Erasmo — *La Civilité Pueril* (trad. Francesa). 1544



Fig. 2 — Frontispício da obra de Baltassar Castiglione — Le Parfait Courtisan, (trad. Francesa, Livraria de Alcobaça, MDCCXXXIV)

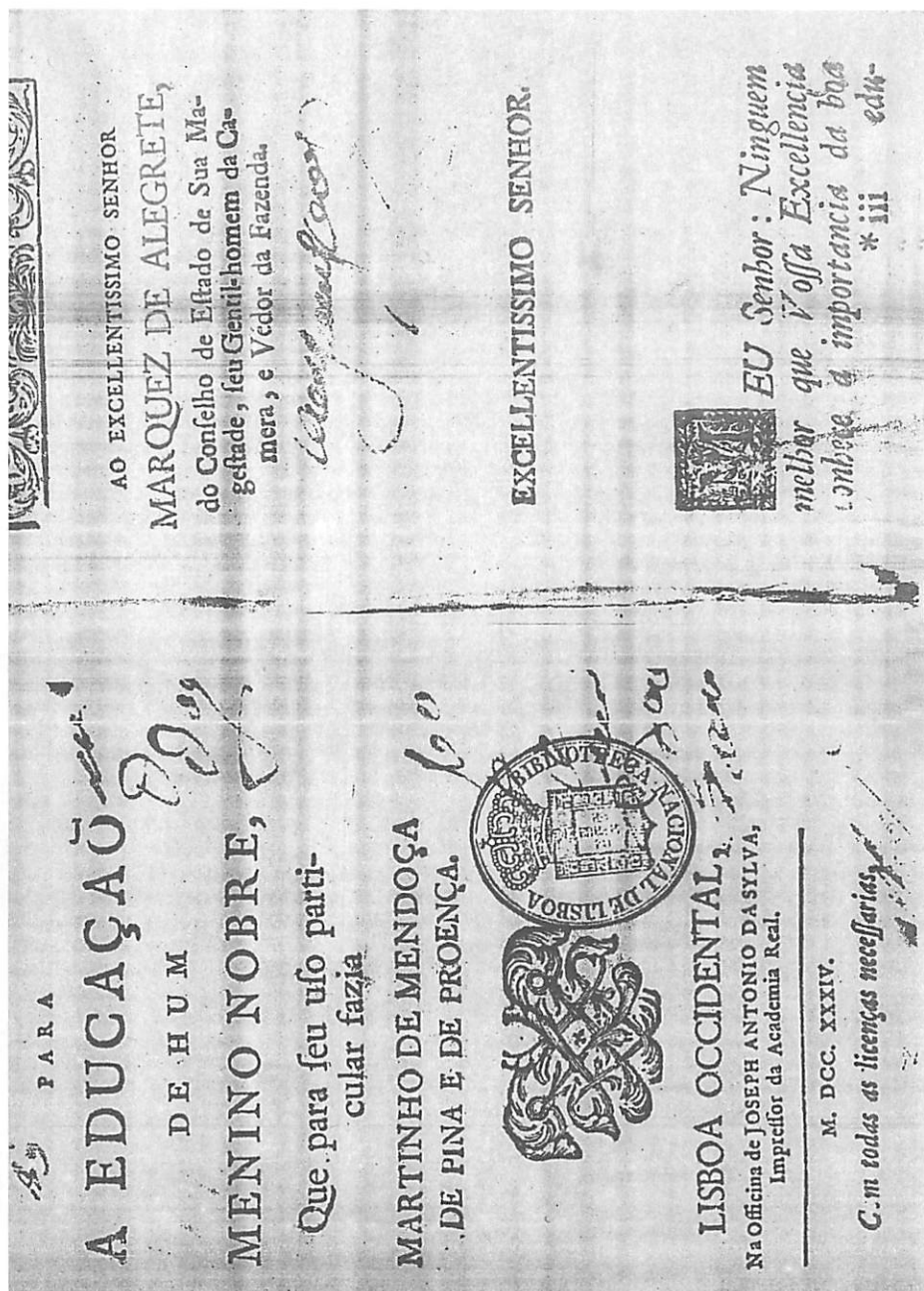


Fig. 3 — Frontispício da obra de Martinho de Mendonça de Pina e de Proença — A educação de hum menino nobre, Lisboa, MDCCXXXIV



Fig. 4 — *Palácio Ceia, Lisboa, pormenor de painel, oficina de Lisboa, 2.º metade do século XVIII*

BIBLIOGRAFIA

Fontes /Edições

Manuais de Civilidade do século XVIII impressos em Língua Francês e Italiano

- ALMEIDA, Francisco José de, *Tratado de Educação Física dos Meninos, para uso da nação portuguesa*, Lisboa Of. Academia Real das Ciências, 1791.
- ARMENDARIZ, D. Miguel, *Modo Cristão, Político e Cortesão de bem jogar o Reversimo, trad. do Castelhana por autor desconhecido*, Lisboa Régua Of. Silvano e da Academia Real, 1746.
- Arte de Galanteria*, Lisboa. Ivan de la Costa. 1760.
- (O) *Amigo do Príncipe e da Pátria ou o bom cidadão, trad. do francês por autor desconhecido*, Lisboa Typ. Rollandiana, 1782.
- BARRETO, Luiz Carlos Moniz, *Tratado da educação física e moral dos meninos de ambos os sexos*. Lisboa. Off. Da Academia das Ciências).
- BEAUMONT, Jeanne Marie Leprince, *Tesouro de Meninos ou diálogo entre uma sábia aia e suas discípulas*, trad. do francês por Joaquim Inácio de Freias, Lisboa, Régua Of. Ty. 1797/99.
- _____, *Tesouro de Adultos ou diálogos entre uma sábia mestra com suas discípulas*, trad. do francês por Joaquim Inácio de Frias, Lisboa, Of. Simão Tadeu, 1785.
- BELGARDE, Jean Baptiste Marvande, *Modelo de Conservação para as pessoas polidas e curiosas*, I Tomo, trad. Do francês por Francisco Ferram de Castelo Branco, Lisboa Pedro Ferreira, 1734.
- BOTELHO, Luiz de Vasconcellos, *Breve Tratado do Jogo do Whist, que contem as leis do jogo, e algumas regras, pelas quaes se pode conseguir o jogá-lo bem. Adicionado com duas calculações: huma sobre as apostas em qualquer ponto do jogo; e outra para dar a conhecer ao parceiro huma, e mais certas cartas. Traduzido da Lingua Inglesa na Portuguesa por...*, Lisboa, Of., Of. Joseph. Da Silva Nazareth, 1768. 2ªd, Lisboa, Typ. Rollandiana, 1818).
- CASA, Giovanni della, *O Galateo ou o Cortesão, trad. do italiano por Francisco Xavier Magalhães*, Lisboa Of Silvano e da Academia Real 1746.

Cartas sobre modas, Lisboa, Typ. Rollandiana, 1789.

Conselhos e Máximas sobre a Educação da Mocidade para saber-se conduzir sabiamente no Mundo. Traduzidas de Francez em vulgar. Obra indispensável aos Pais, e Mais, como a todos aquelles, que são encarregados da educação de meninos, Lisboa, Of. Lino Silva Godinho, 1785.

COSTA, Afonso de, *Methodo de Bom viver; L' Itinerario Christam*, Lisboa Off. De Joseph Lopes Ferreira 1716.

COSTA, José Daniel Rodrigues da, *Ópios que dão aos homens, e as senhoras na cidade de Lisboa huns aos outros, tirados da experiênciã do author*, Lisboa, Of. Simão Thadeo Ferreira, 1786

Documentos Importantíssimos de um Pai a um Filho, para bem viver e bem acabar, Lisboa, S.I, 1758.

FRANCO, Francisco de Melo, *Tratado de Educação Física dos Meninos, para uso da nação portuguesa*, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1790.

FIGUEIREDO, Manuel de Andrade de, *Nova escola de aprender a ler*, Lisboa 1722.

GRANADA, Frei Luís de, *Regras da Vida Virtuosa tiradas e traduzidas por memorial da vida cristã de frei Luís de Granada*, trad. do Castelhana por autor desconhecido, Lisboa, Of. De Francisco Arneiro, 1779.

L.M.C., *Tratado de Educação Física e Moral dos meninos de ambos os sexos, trad. do francês por Luís Carlos Moniz Barreto*, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1790.

MORGANTI, Bento, *Aforismos Morais e Instrutivos, úteis a todo o género de pessoas nos quais se acham documentos necessários para a boa instrução da vida civil e cristã.*, Lisboa, Off. Manuel Coelho Amado, 1765.

_____, *Breves Relexões Sobre a Vida Ecomónica, a qual consiste nos casamentos, na criação e educação dos filhos (...)*, Lisboa, Of. J. Costa Coimbra, 1758.

OSAN, José Maregelo de, *Palestra admirável, consersação proveitosa e notícia universal do Mundo, Distribuída por numeros e semanas. Para empregados da ociosidade, desterro de melancolia e lição para recrear e instruir a todo o estado de pessoas*, Lisboa. Off. Francisco Borges de Sousa.

- PAIVA, Manoel Joaquim Henriques de, *Aviso ao Povo ou Summario dos Preceitos mais importantes, convervantes à criação das crianças, às diferentes Profissões e Offícios, aos Alimentose Bebidas, ao Ar, ao Exercício, ao ..., aos Vestidos, à Intemperância, à Limpeza, ao Contágio às Paixões, às Evacuações regulares etc, que se devem observar para prevenir as enfermidades conservar a saúde prolongar a vida*, Lisboa 1787.
- PRÉVOST, Abade, *Elementos de Civilidade e Decência que se pratica entre gente de bem. Para instrução da mocidade de ambos os sexos*, trad. do francês por José Vicente Ribeiro, 1777.
- _____, *Elementos da Civilidade e da Decência, para instrução da mocidade de ambos os sexos, traduzidos do Francez em vulgar(...)*, Lisboa na typografia Rollandiana, 1788.
- PROENÇA, Martinho de Mendonça de Pina, *Apontamentos para a educação de hum menino nobre (...)*, Lisboa José António da Silva, 1734.
- Regras para a Cristã Educação dos Meninos*, Lisboa, Of. Tip. Régia, 1783.
- (LA) SALLE, *Regras de bom comportamento e da civilidade cristã(...)*, 1703.
- SIQUEIRA, João de Nossa Senhora de Porrrta, *Escola de Politica ou Tratado Prático de Civilidade Portuguesa*. Com regras e o exemplo do estilo epistolar, Porto, António Álvares Ribeiro, 1791.
- Tratado dos principaes fundamentos da Dança* *Obra muito útil, não somente para esta mocidade que quer aprender a dançar bem, mas inda para fazer as pessoas honestas e polidas as quaes ensina as regras para bem andar, saudar e fazer todas as cortezias que convem em as assembleias adonde o uso do mundo a todas chama*. Offererecido a toda a Nobreza Portuguesa por Natal Jacome Bonem, mestre de dança, Coimbra. Officina dos irmãos Ginhoens, 1767.
- Tratado sobre a igualdade dos sexos ou elogio do merecimento das mulheres (...)* por hum amigo de razão, Lisboa na Off. Patr. De Francisco Ameno 1790.
- Traças de ganhar dinheiro e Regras de Cortesia e de guizar várias iguarias em embrião*, Catalunha, Imp. De F. Guevarz, s.d.
- VASCONCELLOS, João Rosado de Villalobos e, *Elementos de Polícia Geral de hum Estado (Traduzido do francês)*, Lisboa 1786.

- _____, *O Perfeito Pedagogo na Arte de Educar a Mocidade*,
Lisboa Typ. Rollandiana, 1782.
- VILLENEVVE, Jeanne Rosseau de, *A aia Vigilante ou reflexões sobre a
educação dos meninos*, Lisboa, Of. Ant. Vicente da Silva, 1767.